

O fiel da balança nas eleições presidenciais americanas de 2008: o que queriam os latinos e o que lhes ofereceram Obama e McCain?¹

Cloves Luiz Pereira Oliveira

Doutor em Ciência Política (Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro)

Professor na Universidade Federal da Bahia

cloves.luiz@ufba.br

Leonardo Barreto

Doutorando em Ciência Política (Universidade de Brasília)

Professor no Centro Universitário do Distrito Federal

leobarreto@hotmail.com

Resumo

Atualmente, os Estados Unidos apresentam um perfil demográfico diferente daquele que possuíam nos anos 1960, quando os negros ainda lutavam pelo direito de voto e de compartilhar os mesmos espaços públicos com seus patrícios brancos. O que se observa é uma sociedade cada vez menos branca, devido às imigrações e ao aumento dos casamentos inter-raciais. Em razão do crescimento dos chamados 'latinos' nos últimos anos na sociedade americana, o voto deste grupo ganhou importância no jogo político, ao ponto de poder se tornar o fiel da balança nas eleições nacionais. A importância dos latinos neste contexto que cerca as eleições presidenciais americanas de 2008, que colocou frente a frente o senador democrata Barack Obama e o senador republicano John McCain, se deveu, de um lado, ao fato de que esse eleitor não demonstrava compromissos históricos rígidos com nenhum partido, como os negros possuíam; de outro lado, ao fato do eleitorado se concentrar em cinco estados onde seu voto poderia ser decisivo para conceder a vitória aos democratas ou republicanos no colégio eleitoral. Com base em resultados de *surveys*, análise da cobertura da imprensa e em estudos sobre o comportamento político segundo raça nos USA, este artigo avaliou, antes do desfecho desta histórica eleição, o peso político do voto latino na corrida eleitoral, observando a agenda deste grupo e o que lhes ofereciam Obama e McCain.

Palavras-chave: eleições americanas; voto dos latinos; hispânicos; imigração; *marketing* político; Barack Obama; John McCain.

MUITO ANTES QUE O PARTIDO DEMOCRATA E O REPUBLICANO sequer cogitassem a indicação de um candidato negro para comandar a Casa Branca, as questões raciais já exerciam significativa influência nas eleições americanas, pois envolviam as tentativas de ambos

¹ Este artigo é resultado das discussões travadas no âmbito do Colóquio sobre Estudos Americanos 2008 – Belo Horizonte, Brasil. Adaptação, Incorporação, Lealdade e Identidades: um Colóquio sobre a Experiência Americana, organizado pela Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, de 11 a 19 de julho, 2008. Nossos agradecimentos aos professores Rudy de La Garza, da Universidade de Columbia, e Elliott Barkan, da Universidade Estadual da Califórnia (San Bernardino), pelas sugestões bibliográficas sobre o tema. Somos especialmente gratos a sra. Vera Galante, assessora cultural da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, pelos encorajamentos para realizar este *paper* e pelas indicações de fontes de pesquisas.

partidos de conquistar o eleitorado em uma sociedade multi-étnica. Olhares escrutinadores têm percebido que a influência da variável racial revela-se, frequentemente, na natureza das plataformas políticas, nos discursos, estratégias de interpelação dos eleitores e padrões de votação. A preocupação com a questão étnica e racial não é exclusividade de algum partido. Tanto os republicanos quanto os democratas têm feito uso de apelos raciais como arma para conquistarem os votos. Os eleitores negros e os brancos sempre tenderam a se posicionar em lados opostos mesmo antes da emergência dos direitos civis nos anos 1960, inicialmente ao lado dos republicanos e, atualmente, ao lado dos democratas (Luconi, 2004, Katel, 2008).

Ao colocar frente a frente o jovem senador negro Barack Obama, do Partido Democrata, e o veterano senador branco John McCain, do Partido Republicano, na disputa pela presidência dos Estados Unidos, as eleições de 2008 revolveram as raízes da sociedade americana. Ambos candidatos rejeitaram a ideia de que a origem racial poderia decidir as eleições presidenciais de 2008, fazendo discursos que descreviam a América como sendo uma sociedade pós-racial. Todavia, poucos duvidavam de que a questão étnico-racial afetaria as eleições, tendo em vista que todo discurso pode ser retorcido para parecer que se trata de temas de interesse de brancos, negros, latinos e asiáticos, numa sociedade em que as clivagens refletem diferentes graus de acesso a educação, moradia, emprego e poder político (Katel, 2008).

O fator étnico-racial era considerado mais importante entre os não-brancos que entre os brancos. Entre os brancos, apenas 11% declaram que a raça do candidato influenciaria sua decisão de voto, 17% afirmavam que esse seria um dos vários fatores, ao passo que 69% disseram que isto não teria importância. Entre os não-brancos, 20% disseram que este seria o fator mais importante, 26% disseram ser um dos principais

fatores e 51% afirmaram que não era um fator relevante (Newsweek, 2008). Nesses termos, a despeito das tentativas dos candidatos de transporem as clivagens raciais, poucos analistas questionaram que a identidade étnico-racial afetaria as eleições.

Devido ao crescimento dos chamados hispânicos na sociedade americana nos últimos anos, o voto latino ganhou expressiva importância no jogo político eleitoral. Segundo dados de 2007, estimava-se que 46 milhões de hispânicos vivessem nos Estados Unidos, representando 14% da população americana e 9% do eleitorado, constituindo o maior grupo étnico do país. Em um conjunto de nove estados da Federação, eles representam 27% da população total. De acordo com diversos analistas, os latinos ainda não consolidaram todo seu potencial como bloco eleitoral no cenário nacional (La Garza *et al.* 2000, Taylor; Fry, 2007). Primeiro, porque apenas 40% deles estão registrados para votar, número que representa uma baixa taxa quando comparado aos brancos (77%), negros (66%) e asiáticos (51%). Segundo, porque não se observam ainda evidências de que eles votariam de forma coesa no pleito de 2008, como já se verifica no comportamento eleitoral dos negros.

Todavia, o que conferiu relevância ao papel dos latinos na corrida à Casa Branca em 2008 é que eles estavam concentrados nos maiores e mais importantes colégios eleitorais do país: Califórnia, Texas e Novo México. Nesses estados, os hispânicos representavam cerca de 20% do eleitorado. Segundo dados do *Pew Hispanic Center*, 85% dos latinos se concentram nos “estados hispânicos”, como a Califórnia, Texas, Arizona, Novo México e Flórida. Era justamente a concentração em alguns colégios eleitorais que potencializava o peso do voto latino no resultado das eleições e o elevava à condição de fiel da balança na definição dos delegados que cada partido levaria para o colégio eleitoral em novembro.

Quadro 1 – Participação dos eleitores latinos nos estados com maior população hispânica, 2007

Estados	Porcentagem de Eleitores Latinos
Novo México	38
Texas	25
Califórnia	23
Arizona	17
Flórida	14
Nevada	12
Nova York	12
Nova Jersey	10
Illinois	08

Fonte: Pew Hispanic Center (2008).

Desde o início desta década, os partidos e os candidatos têm cortejado a comunidade latina em busca dos seus votos. Barreto *et al.* (2000) nota que, nas eleições presidenciais de 2000, ambos candidatos à presidência, George W. Bush e Al Gore, fizeram diversos incursões para persuadir o eleitorado latino veiculando *spots* de propaganda eleitoral na televisão falado em espanhol, patrocinaram campanhas nessa comunidade e participaram de eventos em diversas organizações que representavam os hispânicos no país, como por exemplo o Conselho Nacional de *La Raza*. Os esforços de sedução dos candidatos envolviam, frequentemente, a tentativa de mostrarem-se familiarizados com a língua espanhola, com os costumes e os problemas dos hispânicos residentes nos Estados Unidos. O mesmo pode ser dito em relação à eleição de 2004 que colocou frente a frente o candidato a reeleição George W. Bush e o desafiante democrata John Kerry. Essa estratégia também foi observada na corrida entre Obama e McCain em 2008. Ambos apresentaram propostas em espanhol ao eleitorado hispânico na forma de anúncios veiculados no rádio e na televisão. Trilhas sonoras de salsa embalarão as chegadas de McCain em eventos hispânicos, enquanto o *slogan* da campanha de Obama “Yes, we can” ganhou sua versão espanhol “sí, se puede” (Katel, 2008, CBS News, 2008).

Com os protestos da primavera de 2006, que levaram milhões de hispânicos às ruas de Los Angeles, Chicago e Nova York, entre outras, para protestar contra as políticas de imigração do governo Bush, os latinos demarcaram definitivamente seu espaço na arena política americana nos contextos das eleições presidenciais de 2008. Para alguns autores, o subproduto desses movimentos foi a visibilidade conferida à comunidade latina, despertando os políticos americanos para o seu tamanho e para a natureza de suas reivindicações. Uma questão que emergiu nesse cenário foi que não se sabia, com exatidão, qual era a composição interna desse grupo, nem seu perfil político-ideológico. Tinha-se dificuldade para avaliar qual era a agenda dos hispânicos, sobretudo para identificar o peso que o grupo conferia às questões relativas à reforma da legislação sobre imigração, que muitos supunham ser um dos principais itens da agenda latino-estadunidense. Se considerarmos que os eleitores latinos tinham condições de se tornarem decisivos em uma sociedade que tem tentado harmonizar, desde os anos 1960, os interesses de uma “América Branca” e uma “América Negra”, torna-se fundamental sabermos o que queriam e o ‘que’ lhes ofereceram Obama e McCain. Qual foi o partido que conseguiu atrair o voto latino nas eleições presidenciais de 2008?

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é analisar o grupo de eleitores chamados “latinos” na corrida presidencial estadunidense. Para tanto, o *paper* está dividido em três sessões: a primeira analisa o peso eleitoral dos latinos; a segunda discute as principais

características desse grupo e a sua agenda específica, elaborada a partir da consulta de *websites* de entidades de defesa de interesses da comunidade latina; por fim, a terceira apresenta algumas considerações à guisa de conclusões.

O peso eleitoral dos latinos nos Estados Unidos

O processo imigratório marca toda a história estadunidense. Ondas de imigrantes de diversas nacionalidades se alternaram durante séculos, tornando o país a maior experiência multi-étnica que se tem notícia. À primeira vista, podemos supor que tamanha variedade de credos, culturas, línguas e hábitos pudessem fragmentar a sociedade americana, dividindo-a em guetos e lançado-a em conflitos de fundo étnico-racial. Por vezes, isso aconteceu, especialmente com a luta dos negros por reconhecimento durante a segunda metade do século XX. Entretanto, o país tem obtido sucesso na política de assimilação e aculturação dos recém chegados, criando certa homogeneidade a partir de iniciativas que incluem a separação e a dispersão dos grupos por todo o território, a obrigatoriedade do aprendizado do inglês e o culto a uma religião civil que envolve compromisso com valores patrióticos, políticos e econômicos. A política de estado americana tem sido a de construir novos e fortes laços de lealdade entre os imigrantes e sua nova “casa” (Jones-Correa, 2007).

No âmbito da política, o processo de assimilação aconteceu diferentemente para grupos específicos. Enquanto os negros tiveram de lutar durante séculos para ter seus direitos políticos reconhecidos, irlandeses foram rapidamente incorporados no jogo de poder, sendo recrutados e alistados como eleitores pelos partidos políticos concorrentes tão logo desembarcavam no mundo novo (Jones-Correa, 2007). Dessa forma, as etnias seguiram trajetórias diferentes, incorporando-se com maior ou menor velocidade, coesão, diferentes preferências e distintas agendas. Entre os grupos étnicos que compõem o mosaico norte-americano, tem ganhado muito destaque aquele formado pelos latinos, ou seja, por imigrantes oriundos de todos os países da América Latina que possuem como elemento mais característico o idioma espanhol. A exceção são os brasileiros que, apesar de falarem português, são enquadrados nessa categoria.

Apesar da língua comum, a população de latinos é muito heterogênea: há desde cubanos ricos e de direita em Miami a dominicanos ilegais, pouco instruídos e pobres em Nova York. Algumas populações chegaram ostentando o *status* de exilados políticos e outros a condição de exilados econômicos, buscando

melhores condições de vida. Alguns autores destacam que a comunidade hispânica é composta por quarenta diferentes grupos (mexicanos, cubanos, porto-riquenhos, guatemaltecos etc.), cuja trajetória nos Estados Unidos envolve diferentes níveis de conquista de sucesso na sociedade e de acesso a cidadania. Isto tem acarretado impactos na participação política dela.

O crescimento do poder político dos hispânicos pode ser medido por vários ângulos. Primeiro, pelo crescimento da comunidade hispânica, que representa 14% da população americana. Segundo, pelo aumento do número de latinos eleitos para cargos políticos. Até 2004, nenhum latino integrava o Senado americano. Na legislatura de 2006, três faziam parte dessa casa (dois democratas e um republicano). Em 2007, 150 hispânicos haviam sido eleitos para cargos políticos estaduais ou municipais, incluindo neste contingente o governador do estado do Novo México e os prefeitos das cidades de Los Angeles e de Miami². Nas primárias democratas, o governador do Novo México, Bill Richardson, foi um dos sete candidatos que disputaram a indicação do Partido Democrata à presidência, além de ter sido cotado para ser o candidato a vice-presidente na chapa de Barack Obama. Pode-se, ainda, medir a força política dos latinos pelo crescimento do número de seus eleitores. O número de latinos aptos à participação aumentou 135% entre 1976 e 1996. Quatro anos depois, já se verificava novo aumento, de 40%. Às vésperas das eleições presidenciais de 2008, 18,2 milhões de latinos tinham o direito de depositar seus votos nas urnas (Jones-Correa, 2007)³.

O perfil do eleitor latino é jovem, menos educado e pertencente aos estratos de baixa renda. Todavia, não se percebe a existência de um eleitor típico hispânico. De acordo com Barreto *et al.* (2000), grande parte das atitudes políticas dos latinos dependem de se o indivíduo nasceu nos Estados Unidos, quando chegou ao país, seu nível de educação e a qual classe social pertence. As diferenças de preferências políticas são consideradas por diversos analistas mais como um resultado das variações no nível de educação e renda que por *ethos* étnicos (La Garza e DeSipio, 2006). A maioria do eleitorado latino sabia identificar, com precisão, os posicionamentos dos partidos republicanos e democratas na competição político-eleitoral americana no que se refere à natureza das bandeiras e propostas das suas plataformas. Dessa maneira, os eleitores que se preocupam com questões como controle dos gastos do governo, preservação dos valores morais

e estavam contrários ao direito ao aborto tendiam a apoiar candidatos republicanos, ao passo que aqueles preocupados com a melhoria do acesso à educação, direitos trabalhistas e proteção social caminhavam em direção aos democratas.

Os arquivos eleitorais mostram que os democratas têm sido mais bem sucedidos em conquistar o voto dos hispânicos do que os republicanos. Segundo Barreto *et al.* (2000), com exceção dos cubanos-americanos, os latinos têm uma longa trajetória de apoio ao Partido Democrata. Alguns apontam que essa identificação tem raízes nos anos 1930, sofrendo uma breve ruptura nos anos 1980 e 2000, quando eles abraçaram os governos Reagan e Bush. No contexto da corrida presidencial americana em 2008, 64,3% dos latinos declaravam-se democratas, ao passo que apenas 24,3% diziam preferir os republicanos e 11,4% diziam-se independentes. Entre os latinos da Flórida, encontrava-se o maior contingente de eleitores republicanos (68%).

É importante destacar que a heterogeneidade interna da comunidade latina, no que se refere à nação de origem dos seus membros, local de nascimento, classe social, renda, educação, tempo de ingresso no país, interesses e conhecimentos políticos provoca variações no seu comportamento eleitoral. Enquanto os mexicanos-americanos têm sido reconhecidos aliados dos democratas, os cubanos-americanos da Flórida têm preferido se alinhar aos republicanos. As pesquisas realizadas durante toda a corrida presidencial de 2008 indicaram que os latinos apoiavam massivamente os democratas, a despeito de se encontrar entre eles uma fração de eleitores mais conservadores, isto é, aqueles que esposavam as posições contrárias ao aborto e defendiam a liberdade de porte de armas, que, como sabemos, têm sido questões típicas da plataforma republicana.

A questão que se colocou às vésperas das eleições era saber se os latinos eram realmente um bloco eleitoral – conforme apontado pela mídia e pelos partidos – ou se essa ainda não seria a principal identidade da maioria dos hispânicos nos Estados Unidos. Segundo o *Pew Hispanic Center*, a despeito de se identificarem como “trabalhador”, “minorias”, “republicano”, “democrata”, “liberal” ou “conservador”, a maioria dos hispânicos se reconhece como “latinos”. É justamente por ostentarem uma forte identidade étnica e por não possuírem uma posição definida a respeito de um partido preferido – mesmo mostrando maior in-

2 A agenda dos líderes políticos hispânicos é ampla, mas seus esforços têm se dirigido, sobretudo nas casas legislativas, para mobilizar o engajamento dos latinos nos negócios da comunidade, para servirem como seus porta-vozes nas discussões sobre políticas públicas na nação e, finalmente, para fazer alistamento e o engajamento dos hispânicos para que eles se tornem eleitores.

3 Mesmo sendo o maior grupo étnico nos Estados Unidos, os latinos têm a menor percentagem de eleitores cadastrados para votar, uma vez que muitos deles não têm cidadania americana ou têm menos de 18 anos (Katel, 2008). De acordo com La Garza e DeSipio (2006), em 2006 existiam nos Estados Unidos cerca de cinco milhões de latinos aptos a exercer direitos políticos, mas que não tinham ainda se naturalizado.

clinação a votar nos democratas que nos republicanos – que, nas eleições presidenciais de 2008, os latinos se tornaram um grupo tão importante. Ou seja, o que se percebia era que o voto latino era volátil e que sua escolha ainda se encontrava em aberto. Este dado ganha relevância quando consideramos a tradição da democracia americana na qual o apoio oferecido pelos grupos étnicos é bastante consolidado, havendo raríssima variação no padrão de votação, como se observa no caso dos negros, judeu, italiano e irlandês, tradicionais apoiadores do Partido Democrata⁴.

Portanto, a existência do chamado voto latino é ainda um fato novo no sistema eleitoral estadunidense e representa uma grande vantagem para o partido que conquistá-lo. Isso explica a grande atenção que democratas e republicanos dispensaram aos temas de interesses dos latinos durante a campanha de 2008, pois esse apoio podia-lhes garantir não apenas uma vitória imediata, mas a hegemonia política no futuro. Para tanto, muitos recursos têm sido investidos a cada eleição. Por exemplo, as mensagens têm sido segmentadas e mesmo as campanhas políticas têm ganhado versões bilíngues. Em 2000, o ex-presidente Bill Clinton afirmou que desejava ser o último mandatário incapaz de falar fluentemente o espanhol (Huntington, 2004). Até então, sua promessa vem sendo cumprida, dado que seu sucessor, George W. Bush, possui fluência e, inclusive, gravava programas de rádio e TV neste idioma. No pleito presidencial de 2008, tanto Obama quanto McCain utilizaram *web sites* com opções em Inglês e Espanhol. Nenhum outro grupo de imigrantes recebeu o privilégio de ler as propostas de seu candidato na sua língua natal⁵.

Com efeito, tamanho peso político tornava a agenda latina extremamente importante, obrigando os candidatos a se comprometerem publicamente com alguns pontos dessa pauta. Nesse sentido, grupos de pressão de defesa dos interesses de imigrantes latinos exerceram um papel fundamental, promovendo debates em suas sedes, organizando ações de *lobby* e orientando o voto de milhões de pessoas. A Liga dos Cidadãos Latinos Americanos Unidos (LULAC) recebeu Obama e McCain pessoalmente em sua convenção, realizada em julho 2008. Ambos discursaram e debateram exclusivamente os interesses dos seus anfitriões. Dessa forma, cabe perguntar: quais eram os interesses da população hispânica? Quão diferenciado era esse grupo? Qual era a sua agenda?

A agenda eleitoral dos latinos

Huntington (2004) afirma que os latinos, e em especial os mexicanos, são o grupo de imigrantes mais diferenciados que os Estados Unidos já recebeu. Entre as principais características, estão a concentração espacial (contrariando a política tradicional de dispersão utilizada para outras levas de imigrantes), a quantidade desproporcional de imigrantes (em 2000, quase 8 milhões de mexicanos deixaram seu país em direção aos Estados Unidos, seis vezes mais que os chineses, o segundo colocado no *ranking* do número de recém-chegados), a falta de controle sobre o fluxo migratório, a grande quantidade de pessoas em condições não regularizadas, a manutenção do espanhol como língua usual e a incapacidade de desfazer o vínculo com a terra natal.

Entretanto, tantas diferenças não são capazes de impedir os latinos de assimilarem a cultura americana e de se integrarem adequadamente aos valores cívicos e costumes estadunidenses. De acordo com La Garza e DeSipio (2006), mexicano-americanos e anglo-americanos não têm diferença significativa no nível de aculturação, que envolve a incorporação e a defesa de valores que compõem o *core* da religião cívica. Ambos oferecem suporte para o individualismo econômico e têm um sentimento patriótico mais intenso do que aquele registrado entre os “anfitriões”.

O cidadão latino não possui diferenças ‘estruturais’ quando comparado ao cidadão anglo-americano e tende a se tornar mais aculturado na medida em que as gerações vão se sucedendo, mesmo que ele mantenha seu idioma e sua ligação com a terra natal. Portanto, essa população não deve ser compreendida como portadora de uma cultura política específica que age de forma determinante sobre suas preferências e torna esse grupo um elemento alienígena e fundamentalmente diferenciado de outras populações. Os latinos devem ser analisados como um conjunto de indivíduos detentores de interesses e com capacidade de votar estrategicamente quando confrontado com as opções apresentadas por republicanos e democratas.

Pesquisas realizadas em 2000 pelo Tomás Rivera Policy Institute (TRPI) detectaram que variáveis socioeconômicas (como grau de instrução e renda, por exemplo) influenciam as prioridades nas agendas dos latinos mais do que a nação de origem (Quadro 2). Além disso, a importância dada pelo grupo às questões políticas variava de acordo com os estados onde eles

4 Segundo Luconi (2004), foi a partir do final dos anos 1920 que o Partido Democrata tornou-se o “partido dos imigrantes”, devido aos benefícios que a política democrata do *New Deal* proporcionava aos trabalhadores no período da depressão americana, como também a disposição do Partido de defender os interesses dos grupos étnicos nos Estados Unidos.

5 Segundo Barreto *et al.* (2000), a partir dos dados das eleições presidenciais de 2000, a maioria dos eleitores latinos mostrou-se atenta a manifestações de consideração e respeito a sua comunidade, mas pouco preocupada, ou não se preocupando de maneira alguma, se o candidato a presidente falasse espanhol.

viviam (Barreto *et al.*, 2000). Levantamento feito em 2000 junto ao eleitorado hispânico em cinco estados (Califórnia, Illinois, Texas, New York e Flórida) indicou que, entre diferentes questões, a educação foi ressaltada como o principal problema do país, seguida de discriminação racial e questões raciais, desemprego, economia, crime e drogas (Barreto *et al.*, 2000).

Essa pesquisa destacou a existência de expressivas diferenças de atitudes e comportamento político entre os diversos segmentos da comunidade latina. Por exemplo, os mexicanos-americanos mostraram-se mais preocupados com os problemas de educação, ao passo que os cubanos-americanos, com os valores morais, e os porto-riquenhos, com drogas e crimes. Foram encontrados mais latinos favoráveis ao controle de armas em Nova York do que no Texas. A maioria dos eleitores latinos, todavia, revelou-se favorável ao controle de armas, um dado que os colocaram diretamente contra a agenda dos republicanos. Por outro lado, a comunidade mostrou-se mais dividida no que se refere às questões de direito das mulheres ao aborto e de concessão de bolsas de estudos para alunos pobres em escolas privadas em vez de melhorias na rede pública de educação (Barreto *et al.*, 2000).

Pesquisas feitas após a indicação de Barack Obama pelos democratas e John McCain pelos republicanos mostraram que as preocupações políticas dos latinos andavam em congruência com as questões mais salientes na agenda nacional desde início da corrida eleitoral, no final de 2007. Observava-se que as questões que os

eleitores americanos mais desejavam ver tratadas pelos candidatos na campanha incluíam economia, guerra do Iraque, crise de energia, assistência à saúde, terrorismo e empregos (ver Quadro 3). Destaca-se o peso relativo dos fatores conjunturais nessa campanha. Na medida em que os problemas econômicos ganhavam relevância, diminuía a centralidade de questões como a guerra do Iraque, assistência à saúde e imigração.

O *survey* nacional realizado em novembro de 2007 junto aos hispânicos indicava que a educação, a assistência à saúde, as questões econômicas e os empregos eram considerados itens extremamente importantes na campanha presidencial. Faziam ainda parte da lista das seis questões mais importantes na agenda dos eleitores latinos a solução dos problemas da criminalidade, imigração e a guerra do Iraque (Taylor; Fry, 2007). É importante assinalar que, apesar de a imigração ser então considerada um tema ‘extremamente importante’ ou ‘muito importante’ para os hispânicos, as questões de educação e economia parecia-lhes mais relevantes, conforme pode ser verificado na Figura 1. De acordo com Taylor e Fry (2007), a preocupação com o futuro da política de imigração nos Estados Unidos era compartilhada por todos os segmentos da comunidade hispânica, independentemente da identificação partidária, estado onde residia, país onde nasceu, educação, sexo, idade ou renda. Em razão dos debates ocorridos em 2006, por conta das propostas de reforma da legislação sobre imigração no congresso americano, era esperado que a imigração tivesse ainda maior relevância.

Quadro 2 – Questões prioritárias para a comunidade latina por estado, 2000

Questões	Califórnia	Illinois	Texas	New York	Flórida
Educação/Escolas	27,1	19,5	27,1	20,7	21,7
Relações Raciais/Discriminação	10,8	12,6	8,2	15,6	14,1
Desemprego/Empregos	8,6	12,6	15,8	13,6	9,5
Economia	8,0	7,8	8,8	6,3	6,1
Imigração	8,6	5,7	2,5	5,4	8,0
Crime	7,2	8,3	5,1	2,3	4,0
Drogas	3,0	5,2	3,7	4,8	2,4
Valores e Família	1,4	1,4	2,8	3,7	2,4
Assistência Médica	1,4	2,0	1,7	1,4	1,5
Outros	17,7	20,7	19,5	22,2	22,3

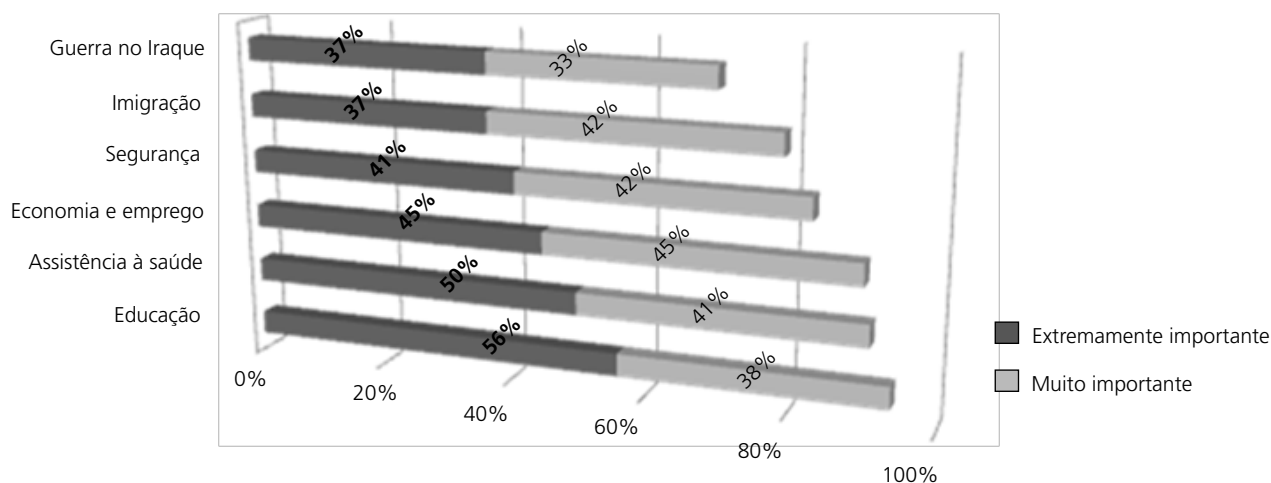
Fonte: Barreto et al. (2000).

Quadro 3 – Questões que os eleitores mais desejam ver os candidatos discutirem, novembro de 2007, abril e junho de 2008 (%)

Questões	Novembro 2007	Abril 2008	Junho 2008
Economia	15	44	44
Guerra do Iraque	32	24	19
Energia/ petróleo	2	7	17
Assistência à saúde	22	14	9
Terrorismo	5	4	3
Empregos	3	5	3
Imigração	8	3	3

Fonte: Pew Hispanic Center, 2007

Figura 1 – Questões mais importantes para os hispânicos na campanha presidencial de 2008

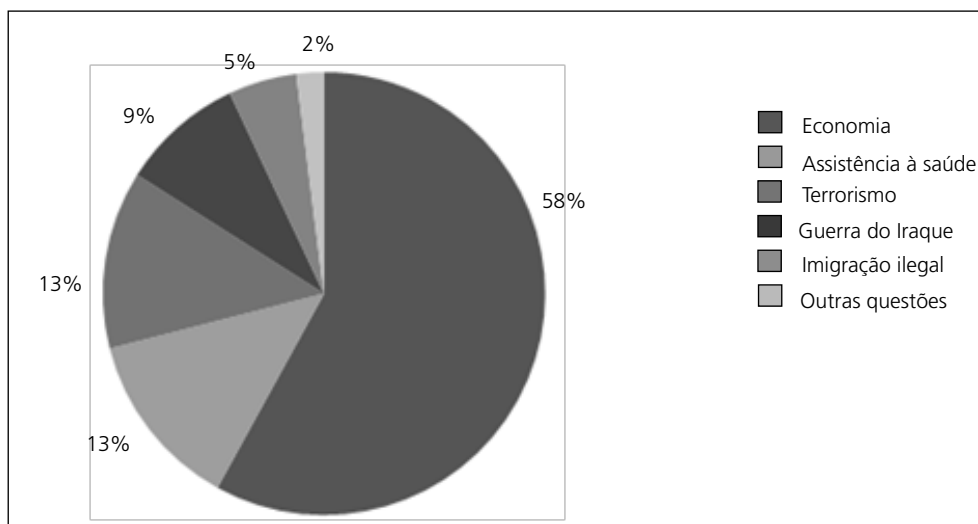


Fonte: Pew Hispanic Center, 2007 National Survey of Latinos

Exceto pela relevância das propostas sobre políticas de imigração na agenda dos eleitores latinos, entende-se que não havia diferença substantiva entre as preocupações desse grupo e dos americanos em geral, conforme indica o Pesquisa CNN/*Opinion Research Corporation* realizada em setembro de 2008 (Figura 2). A imprensa mostrou que o debate da campanha incluía desde questões sobre crise econômica, passando por segurança nacional e relações internacionais, com destaque para a guerra do Iraque e do Afeganistão, até seguridade social e assistência à saúde. Todavia, a economia apresentava-se como a questão mais importante naquele cenário para a decisão do voto para presidente.

A análise dos *sites* de duas importantes entidades privadas de defesa dos interesses dos imigrantes latinos (*National Council of La Raza* e *League of United Latin American Citizens*) permite identificar as seguintes demandas do grupo: promoção de ações afirmativas para diminuição do preconceito; nomeação de um latino para a Suprema Corte; políticas educacionais específicas e o melhoramento dos ensino público; luta contra a declaração do inglês como idioma oficial dos Estados Unidos e única língua aceita para a redação de documentos públicos; aumento de hispânicos no serviço público federal; oposição à militarização da fronteira do México com os Estados Unidos; contra à criminalização da imigração ilegal e contra à privatização do sistema de seguridade social.

Figura 2 – Questões mais importantes para decisão de voto para presidente do USA, 2008



Fonte: Pesquisa CNN/ Opinion Research Corporation realizada entre 19 e 21 de setembro de 2008.

Em resumo, o eleitor latino mostrava-se especialmente interessado no conjunto de propostas sociais dos candidatos, com forte apelo para políticas de inclusão escolar (no ano 2000, apenas 49,6% dos latinos haviam terminado a *high school*, contra 86,6% dos anglo-americanos), acesso ao sistema de saúde e de aposentadorias e pensões. Além disso, a questão imigratória era outro tema relevante. Havia uma forte preocupação com a votação de uma nova legislação e os grupos organizados buscavam evitar a criminalização da entrada ilegal no país, a militarização da fronteira entre México e Estados Unidos, abrandar as exigências para a naturalização e garantir o direito à educação e ao serviço de saúde para os filhos de imigrantes ainda não regularizados. Nesse sentido, a decisão do voto e a filiação política dos latinos pareciam depender das soluções apresentadas pelos candidatos para problemas gerais (como a economia, defesa etc.), mas também para as propostas específicas para sua comunidade.

Considerações finais: as propostas dos partidos para os hispânicos

Este artigo procurou analisar o posicionamento do grupo de eleitores chamados 'latinos' na corrida presidencial estadunidense de 2008 que foi disputada pelo jovem senador negro Barack Obama do Partido Democrata e pelo veterano senador branco John McCain, do Partido Republicano. Para tanto, buscou-se analisar dois pontos, a saber: o peso eleitoral desse grupo étnico e a especificidade da sua agenda política. As principais conclusões

indicaram um crescimento da importância desse segmento do eleitorado, dado que o fluxo migratório continuava ininterrupto e observava-se um crescimento vegetativo significativo da população de origem latina. O peso dos latinos aumentava quando se considerava que eles se concentravam fortemente em estados com grande número de delegados, como Califórnia e Texas, por exemplo, e pelo esforço dos candidatos para vencerem as eleições nesses locais. Apesar das diferenças internas na comunidade, os latinos foram tratados pelos estrategistas políticos das campanhas de Obama e McCain como um ator coeso e detentor de uma importância crescente nas eleições nacionais.

Nota-se que ocorreu uma mudança significativa nos últimos oito anos no eleitorado latino. Alguns analistas se perguntavam se essa mudança, ilustrada pela formação de organizações de direitos dos latinos, crescente inserção na arena política e constituição de frentes de parlamentares, seria simples resultado de ações pragmáticas para atender suas necessidades ou seria já um indicador de que eles estão aculturados às formas de participação política nas Américas (Taylor; Fry, 2007). A inexistência de distinções importantes pode ser interpretada que o processo de aculturação continua sendo eficiente. Já no que se refere à agenda, não é possível afirmar que as preferências dos latinos fossem estruturalmente diferentes daquelas apresentadas pelo restante da população. As exceções foram a questão migratória, principalmente no que se refere à criminalização da entrada ilegal de novos imigrantes, e o acesso à educação.

Como se tratava de uma população politicamente volátil, ou seja, que ainda não foi 'fidelizada' pelos republicanos ou pelos democratas, as eleições foram disputadas de forma feroz e estratégica pelos

dois partidos. Até outubro de 2008, as pesquisas indicavam que Obama tinha uma ligeira vantagem nas intenções de voto sobre McCain na ordem de 48% contra 42% entre os americanos. Dados do instituto de pesquisas *Pew Hispanic Center* mostravam que mais de 57% dos eleitores hispânicos naquele período se diziam democratas, ante 23% que se definiam como republicanos. Pesquisa do instituto Gallup realizada ainda em maio, um mês antes de Obama ter obtido o número de delegados para se sagrar o provável candidato democrata, mostrou que o democrata tinha a preferência de 62% dos eleitores latinos registrados contra 29% de McCain. Pesquisas realizadas em outubro de 2008 mostram que, nos chamados estados hispânicos, Obama batia McCain no Texas e Arizona, ao passo que McCain era o preferido na Califórnia, Nevada e Flórida (Figura 3). O democrata reconhecia que as disputas eleitorais mais acirradas irão ocorrer nesses estados e dedicou esforços especiais para conquistar o voto latino nesses colégios.

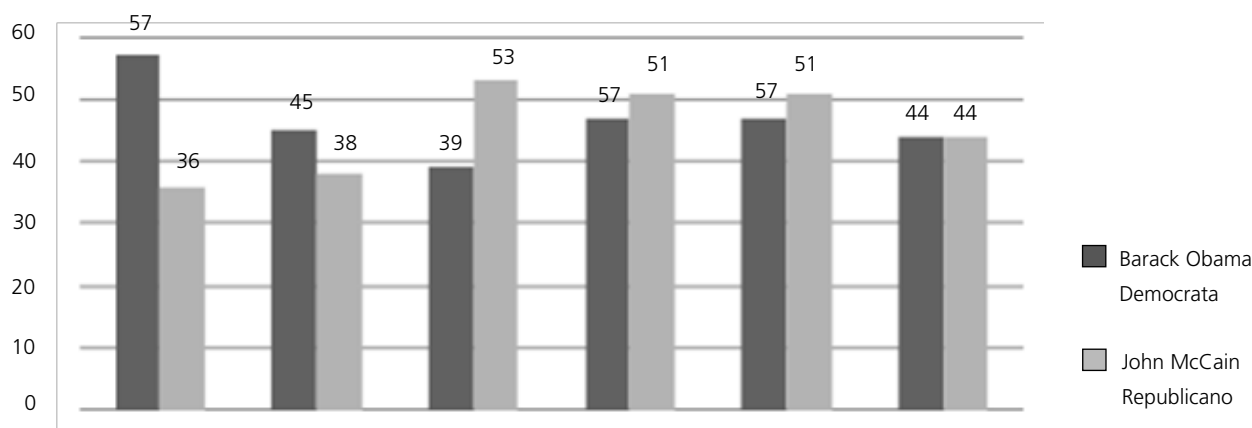
Existiam poucas evidências que provassem que a existência de um sentimento de solidariedade entre minorias fosse conduzir os votos dos latinos na direção do candidato negro Barack Obama. As pesquisas realizadas pelo instituto Gallup em fevereiro de 2008 mostravam a candidata branca Hilary Clinton como opção preferida de 60% dos latinos (Obama conquistava 34% das opiniões). Durante as primárias, eles manifestavam franco apoio à senadora Hillary Clinton, a preferida de dois entre três eleitores da comunidade latina na Califórnia e Nevada (*Los Angeles Times*, January 2008). As mulheres hispânicas votaram massivamente em Hillary Clinton contra Obama (65%, 28%), ao passo que os homens inclinaram-se igualmente a apoiá-la, mas em menor proporção (56%, 39%) (Pesquisa Gallup, 1 a 9 de fevereiro de

2008). É importante notar que esse viés de gênero das mulheres foi bastante acentuado entre as mulheres brancas em geral. Essa lacuna de gênero só não foi observada entre os negros, entre os quais tanto os homens quanto as mulheres, numa proporção de três em cada quatro eleitores, preferiram Barack Obama a Hillary Clinton.

Essa preferência dos hispânicos pela senadora Hillary Clinton não significava rejeição ao senador negro Barack Obama. O eleitorado de Hillary era constituído majoritariamente de mulheres, idosos, trabalhadores brancos. Hillary gozava do apoio dos eleitores judeus e dos latinos. O argumento dos analistas era de que mais de duas décadas de reconhecimento público e laços de lealdade aos interesses com políticos latinos de prestígio dentro da comunidade explicam o sucesso da candidatura da senadora Clinton junto aos hispânicos.

A estratégia dos democratas para conquistar o eleitorado latino buscou cristalizar a ideia de que os republicanos eram hostis aos interesses dessa comunidade ou que eram anti-latinos. Trata-se de um plano que não parecia facilmente tangível, pois em alguns estados os republicanos mantinham relações amistosas com os latinos, tais como Arizona e Flórida. Além disso, o presidente Bush tinha sido bem sucedido em conseguir o apoio dos Latinos, como prova o aumento de seus votos entre esses eleitores nos pleitos de 2000 e 2004, respectivamente de 30% para 40%. Todavia, a maior parte dos eleitores latinos se identificava com o Partido Democrata. Segundo os dados da pesquisa do Instituto Gallup realizadas entre 9 e 15 de junho de 2008, Obama era sem dúvida o candidato favorito dos negros e dos latinos, cedendo espaço a McCain apenas entre os brancos, conforme presente no Quadro 4.

Figura 3. Intenção de voto para presidente entre os eleitores latinos nos estados de maior concentração de população hispânica, outubro de 2008



Fonte: CNN Poll of Polls National, October 3-5, 2008

Quadro 4 – Preferência aos candidatos a presidente nas eleições gerais à presidente da república segundo raça, junho de 2008

Grupos raciais	Barack Obama – Partido Democrata	John McCain – Partido Republicano
Branços	39%	49%
Negros	90%	4%
Hispânicos	59%	27%

Fonte: Instituto Gallup, Pesquisa 16 a 22 de junho de 2008

Um grande leque de temas fez parte do debate das eleições presidenciais, entretanto especial atenção foi dada aos problemas da economia, segurança nacional, relações internacionais, guerra do Iraque, seguridade social e assistência à saúde. Barack Obama e John McCain procuraram enfatizar as suas distintas concepções de governo em um evento voltado para a comunidade hispânica. McCain prometeu auxílio a pequenos negócios, redução da carga fiscal e criação de novos empregos, livre comércio, eliminação de protecionismo, criação de empregos, salários mais altos e menos impostos. O tema da reforma da legislação de imigração foi utilizado por Obama em seus pronunciamentos para atacar o rival republicano.

O discurso de Obama para aos latinos destacava que reforma da legislação de imigração era a prioridade da sua agenda no primeiro ano de governo. O senador de Illinois usava este tema como marco do seu compromisso com os interesses dos latinos, atacando os posicionamentos de McCain por refrear seus esforços de promover mudanças favoráveis aos latinos por causa dos seus compromissos com o Partido Republicano. O princípio de proteção das fronteiras em primeiro lugar prevalece sobre as reflexões sobre os direitos de cidadania dos ilegais nos Estados Unidos. A proposta de Bush para reforma da lei de imigração contém uma anistia aos imigrantes ilegais, sendo McCain um dos poucos parlamentares republicanos a defender a proposta do presidente. Tanto Obama quanto McCain supunham que a principal questão para conquistar o eleitor latino era a reforma da legislação de imigração.

Talvez por causa do posicionamento dos republicanos aparentemente contra os interesses dos latinos em vários pontos da legislação da reforma da imigração, os latinos se aproximaram mais do Partido Democrata. A interpretação das lideranças latinas era que os termos impostos pelos republicanos afetavam a vida dos imigrantes de uma maneira geral, mas contrariava particularmente os interesses

da comunidade hispânica. A sugestão de construção de um muro na fronteira entre os Estados Unidos e o México era um ícone da severidade com que os republicanos estariam tratando a comunidade hispânica. Esses interesses seriam, com efeito, ameaçados não apenas pelo reforço da vigilância na fronteira, mas, sobretudo, pelo endurecimento das leis trabalhistas no país, pela restrição do acesso a assistência médica e educação, como também a cesta de assistência social do *Welfare State* americano. Curiosamente, foi justamente no tratamento dado aos temas gerais que se estruturaram os apelos dirigidos aos eleitores hispânicos pelos democratas. Mas, afinal, qual foi o peso da questão da imigração na agenda dos latinos?

De acordo com Katel (2008), três em cada quatro hispânicos estão legalmente nos Estados Unidos, todavia os impactos das políticas de imigração se fazem sentir em todos. Mesmo que apenas uma fração possa sofrer deportação ou punições por imigração ilegal, grande parte ainda sofreria os impactos reais ou virtuais dessas políticas, na medida em que usualmente afetaria seus familiares, amigos ou vizinhos. Nesse contexto, qualquer plataforma que endurecesse as políticas de imigração alienaria os interesses dos hispânicos. Ou seja, criação de várias barreiras na fronteira para o caminho que dá acesso ao exercício da cidadania no território americano para grande parte da população latina. A avaliação que se tinha era que a reforma da lei de imigração definiria os termos da participação política dos latinos nas eleições presidenciais. Nesse sentido, o debate sobre imigração contribuiu para a emergência da comunidade hispânica na sociedade civil e para a consolidação de uma agenda latina na esfera pública e no congresso.

O eleitor latino interessava-se particularmente pelo conjunto de propostas sociais dos candidatos, com a inclusão escolar, acesso ao sistema de saúde, aposentadorias e pensões. A questão imigratória era objeto de especial atenção, sobretudo a preocupação com a votação de uma nova legislação, com a

possibilidade de criminalização da entrada ilegal no país, a militarização da fronteira entre México e Estados Unidos, além de abrandar as exigências para a naturalização e garantir o direito à educação e ao serviço de saúde para os filhos de imigrantes ainda não regularizados.

Depois de vencer as primárias, o trunfo para o sucesso da campanha de Obama foi o de superar as fronteiras raciais, conquistando fatias do eleitorado branco, o apoio majoritário dos hispânicos e a quase exclusividade da preferência dos negros. Esta mesma estratégia foi utilizada por Barack Obama para bater John McCain nas eleições gerais. Um dado importante é que parece que raça tem deixado de ter o peso que já ostentou em pleitos anteriores. As pesquisas de opinião indicavam que os eleitores americanos têm se mostrado mais inclinados a desconsiderar a raça do candidato como fator de exclusão para decisão do voto.

Isso explica, em parte, porque os republicanos refrearam-se da ideia de explorar apelos raciais no estilo da escola antiga de despertar ódio racial, clivagens étnico-raciais e manipulação de estereótipos raciais para desconstruir a imagem do candidato democrata. Por sua vez, a estraté-

gia dos democratas foi a de evitar as questões que demarcam tensões raciais para evitar as políticas raciais do passado. Obama buscou constantemente construir uma retórica que projetava a imagem de uma sociedade universal para além das clivagens raciais. A imagem de Obama como um candidato bi-racial (pai negro e mãe branca), pós era dos direitos civis, era coerente com o seu discurso que conclamava os americanos de todos os estoques étnico-raciais a apoiarem uma agenda de mudança política no país. Mesmo que não fosse mencionada nos discursos dos candidatos, raça era uma variável que inevitavelmente influenciava na disputa político-eleitoral nos Estados Unidos. A indicação de Obama como candidato do Partido Democrata obrigou os conservadores a enfrentarem os seus preconceitos e medos de ver um negro comandando a Casa Branca. Seja em termos políticos, seja em termos simbólicos, a candidatura de Obama representava uma indicação (ainda que mais simbólica que real) de esperança de oportunidade de sucesso para as pessoas de cor numa sociedade na qual ser branco europeu sempre foi um critério de triagem para aqueles que desejavam entrar nos Estados Unidos para viver o sonho americano.

Referências

BARRETO, Matt et al. *A glimpse into Latino policy and voting preferences*. Claremont, California: The Tomás Rivera Policy Institute. 2002.

BARRETO, Matt et al. *et al. Latino voter mobilization in 2000: a glimpse into Latino policy and voting preferences*. Claremont, California: The Tomás Tomas Rivera Policy Institute, 2000.

CARLIN, John. A cor de Obama nos desafia. *A Tarde*, 17 ago. 2008.

CBS News. You could decide the U.S. election, Obama tells Latino audience. Disponível em: <<http://www.cbc.ca/world/usvotes/story/2008/07/08/us-votes-hispanics.html?ref=rss>>. Acesso em: 08 jul. 2008.

HUNTINGTON, Samuel P. The hispanic chalenge. *Foreign Policy*, mar/apr. 2004.

JONES-CORREA, Michael. Ethnic politics. In: WATERS, Mary C.; UEDA, Reed. *The new Americans: a guide to immigration since 1965*. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard, 2007.

KATEL, Peter. Race and politics: w – Will skin color influence the presidential election? *CQ Researcher*, v. 18, n. 25, p. 577-600, 18 jul. 2008. Disponível em: <<http://www.cqresearcher.com>>. Acesso em: 2010.

LA GARZA, Rodolfo de. et al. *Latino voter mobilization in 2000: campaign characteristics and effectiveness*. Claremont, California: The Tomás Tomas Rivera Policy Institute, 2000.

LA GARZA, Rodolfo; DesSipio, Louis. *New dimension of latino participation*. In: CONFERENCE SUMMARY, oct. 2006.

LATINO LEADERS NETWORK: honors Mayor Villaraigosa during U. S. conference of mayors summer meeting. Latino Leaders: The National Magazine of the Successful American Latino, sept-oct, 2007. Disponível em: <http://findarticles.com/p/articles/mi_m0PCH/is_/ai_n27395186>. Acesso em: 07 out. 2008.

LUCONI, Stefano. *The italian-american vote in Providence, Rhode Island, 1916-1940*. Madison, New Jersey: FDU Press, 2004.

NEWSWEEK, 23 de maio de 2008.

PEW HISPANIC CENTER. *Election-year Economic Ratings Lowest Since '92: an even more partisan agenda for 2008*. Washington, D.C., 24 jan. 2008.

TAYLOR, Paul; FRY, Richard. *Hispanics and the 2008 election: a swing vote?* Washington, DC: Pew Hispanic Center, December 2007.

The deciding factor in the 2008 US presidential election: what Latinos wanted and what Obama and McCain would offer them

Abstract

The United States has today different demographic profile from the 1960s, when black people were fighting for the right to vote and to share the same public spaces of their white patrician. What we see now is an increasingly less white society due to intensive immigration processes and interracial marriages. Owing to the recent growth of so-called Latinos in American society, Latin vote has gained such a significant importance that it may become decisive in national elections. The importance of Latino votes in this scenario of uncertainty surrounding the U.S. presidential election – that places face to face the democratic senator Barack Obama and the Republican Sen. John McCain – is given by the fact that Latin voters do not show rigid historical commitments with any party as black people do, and by the fact that the electorate is focused on five states which can be decisive to elect either Democrats or Republicans. They are a group susceptible to persuasion; at the same time, they also have proved to be players with great willingness to negotiate with the two major parties. Based on results of surveys, analysis studies on media coverage and political behavior of Latinos in the United States, this article evaluated the political influence of Latin vote before the outcome of the historic election that led Obama to the White House by analyzing Latin wishes and what Obama and McCain offered. In other words, our eyes turned to look at the agenda of Latin and the responses of Democrats and Republicans for their claims.

Keywords: American elections, Latino's vote; Hispanics, immigration, political marketing; Barack Obama, John McCain.

El fiel de la balanza en las elecciones presidenciales estadounidenses de 2008: ¿qué querían los hispanos y qué les ofrecieron Obama y McCain?

Resumen

Los Estados Unidos son hoy un país con perfil demográfico diferente de la década de 1960, cuando los negros aún luchaban por el derecho al voto y de compartir los mismos espacios públicos que sus compatriotas blancos. Lo que se nota es una sociedad cada vez menos blanca, gracias al intenso proceso de inmigración y a los matrimonios interracial entre las poblaciones de distintas razas. Debido al crecimiento de los llamados latinos en los últimos años en la sociedad estadounidense, el voto hispano ha ganado una notoria importancia en el juego político electoral, capaz de convertirse en el punto de equilibrio de las elecciones nacionales. La importancia del voto latino en este escenario de incertidumbre que acecha a las elecciones presidenciales estadounidenses, y que pone cara a cara al senador demócrata Barack Obama y al Senador republicano John McCain, se debe, por un lado al hecho que ese elector no manifiesta compromisos históricos estrictos a cualquier partido, como poseen los negros; y por otro lado al hecho del electorado centralizarse en cinco estados donde su voto puede ser decisivo para darle la victoria a los demócratas o republicanos en el colegio electoral. Se trata de un grupo susceptible a la persuasión, simultáneamente se ha revelado un gran jugador dispuesto a negociar con los dos principales partidos. Basado en los resultados de surveys, análisis de coberturas de prensa y estudios sobre el comportamiento político de los hispanos en los Estados Unidos, este artículo ha evaluado, antes del desenlace de la histórica elección que llevó al primer aspirante a la Casa Blanca, el peso político del voto latino en la carrera electoral, el análisis de lo que querían los hispanos y que les ofrecieron Obama y McCain. Dicho de otro modo, nuestra visión de observación se volvió hacia la agenda de los latinos y, por consiguiente, para las respuestas de los Demócratas y de los Republicanos para sus elecciones.

Palabras claves: elecciones estadounidenses; el voto de los latinos; hispánicos; inmigración; marketing político; Barack Obama; John McCain.

Data de recebimento do artigo: 08-09-2010

Data de aprovação do artigo: 15-19-2011